

Feminino, Demasiadamente Feminino

Enzo Forte¹

Eu não simpatizo com Machado de Assis. Ainda que lhe sejam reconhecíveis a espirosidade, a perspicácia e a brasilidade. Ainda que seja manifesta a idolatria que é feita a ele. Não obstante, o acho efeminado. É como se lêssemos a “arte fina de Capitu” em cada obra machadiana.

Cheios de obscuridades, ironias, subterfúgios e troças com o leitor, os escritos do autor brasileiro enfastiam-me; mesmo que deem causa a alguma abstração. Em *Dom Casmurro* – para mim a obra mais característica de Machado –, a impressão última é que ambos, autor e Capitu, são coleguinhas auxiliando-se na guarda de um segredo – a traição conjugal desta.

O segredo, porém, Machado não esconde totalmente. Ele é uma amiga infiel e fofqueira. Precipita-se para mostrar a traição de Capitolina, com um engrolo ardil para não figurar como dissimulada. Faz que não quer dizer, mas quer – e não segura a pena.

A “arte fina de Capitu”, frequentemente aludida em *Dom Casmurro*, não é mais que a dubiedade encontrada em maior ou menor grau naquilo que é feminino. É a atenção aos detalhes; é a facilidade com que certas mulheres comandam certos homens. É aquilo a que chamam sensibilidade feminina. E é por isto que Capitu tem essa arte: não apenas porque mulher, mas porque a suma representação da feminilidade em Machado. “Capitu [...] era mais mulher do que eu [Bentinho] era homem”.

Mas é também em Capitu que Machado revela seu forte lado feminino. Nenhuma personagem sua jamais gozou tanto dos prazeres de sua preferência. Em meio à obscuridade do esconde-esconde machadiano, Capitu ganha o benefício da dúvida e a redenção. Rodeada ao longo de sua vida por um pai incompetente, pela falta de recursos e pelo marido atoleimado, a traição da moça está justificada.

¹ Enzo Forte Tardioli é estudante do 7º período de Direito, na Universidade Católica de Petrópolis; pesquisador, pela Universidade Católica de Petrópolis, na área de Filosofia do Direito, nos grupos de pesquisa Dianóia e Estudos em Lei Natural.

Que dizer também de Sofia – “Sofia é que, em verdade, corrigia tudo”? Na confusão de suas paixões e medos, a moça tinha também seu lado dúplice. Suas atitudes pérfidas, suas mentirinhas, seus mistérios. Era ela de fato quem comandava tudo, quem manipulava os homens e os tinha da maneira que mais lhe aprouvesse. Das traições e fidelidades mentirosas com Palha até a loucura do arruinado Rubião, não sabemos certamente as vontades de Sofia. O contista é, aqui e algures, feminino. O estilo de sua escrita é mais uma vez como a arte fina das mulheres: cheio de sensibilidade e mistério femininos.

A falta de virilidade em Machado é tamanha que não se revela apenas em sua estilística. É manifesta também nas cores com que ele pinta o universo masculino. Brás Cubas é hipócrita e obtuso assumido. Bento é um perfeito palerma dirigido pela vontade feminina. Simão Bacamarte é um generalizador insensível e um ingênuo. O másculo, quando existe, é sempre uma tolice.

Se se ler a crônica *A Queda que as Mulheres Têm Pelos Tolos* – até nela –, atestar-se-á mais uma vez o homem fraco e obtuso de Machado. Neste texto o autor distingue o homem de espírito do homem da toleima. Aquele é um pobre diabo, um desafortunado, tímido e sem força, que pensa demais e não tem bravura para se atrever perante uma mulher; este, um convicto estulto, que ousa sem temor e logra êxito com o sexo oposto. Nos polos máximos de masculinidade em Machado o que se tem é incapacidade: o homem é fraco ou estúpido.

Balzac, o eminente realista francês, num estudo sobre Henry Beyle – Stendhal – faz uma interessante distinção quanto a forma das literaturas. Para ele, há três maneiras de a literatura existir, quais sejam: literatura das ideias, literatura das imagens e ecletismo literário. Assim, respectivamente, a literatura pode ser, então: curta, concisa, sem fortes apelos ao sensível, com finalidade bem definida e rigor quase ensaístico; ou pode ser também alongada, demorada, com marcante contemplação da realidade em si mesma, sem intenção marcante; ou, finalmente, pode reunir todas essas características.

Como representantes máximos das literaturas das imagens e das ideias, eu elegeria, simultaneamente, o romântico Victor Hugo e o iluminista Voltaire. Num, a contemplação do mundo, da beleza e as emoções pulsantes – e, como se sabe, até um pouco de realismo social; noutro, os contos filosóficos sem grandes descrições e com o marcante estilo breve do iluminista. Em outro plano, no da obra irônica de Machado, vê-se que nada é gritos, socos ou pontapés; tudo é sussurros, olhares furtivos e trejeitos delicados. É expressão de ideias e impressões, é cronismo.

Machado é o delicado Voltaire – menos extremado e com estilística pouco mais elaborada –, mas não é um Victor Hugo ou, no plano do realismo, um Stendhal de estilo forte e impregnante.

Entre tanto fastio, não é o feminino que cansa. Capitolina, p. ex., é adorável mesmo sendo mulher em excesso. O enfado está no uso exagerado da evasão e da linguagem sutil da escrita machadiana; está na falta de intensidade. Em algumas obras, os subterfúgios são tão exacerbadamente utilizados que eu me pergunto se ele quis verdadeiramente escrever ou mostrar algo, ou se sua obra anula a si mesma. Ao mesmo tempo em que critica afetações, Machado escreve, ele próprio, afetadamente. Ele é, como diria o dúbio José Dias, “afetadíssimo” em suas sutilezas feminis. Quer ser alegórico demais.

Nessa exacerbação de enigmas Machado peca gravemente. Contra a arte e inclusive contra o realismo em si, que não suporta essa finura no escrever. A arte realista quer ser crua, quer mostrar o íntimo do ser humano, suas vergonhas, seus medos, suas hipocrisias, suas traições; nunca encobrir. Nada pode passar.

Em Flaubert, no seu *Madame Bovary*, temos uma Capitu em Ema; ou, mais propriamente: em Capitu, temos uma Ema. O que as distingue sensivelmente é que, ao passo que vemos com clareza as intenções de Ema, não temos a mesma transparência em Capitu. Aquilo que ambas deixam aparecer – fastio do companheiro, desejo de fortes emoções, sagacidade, impetuosidade, etc – é o mesmo. Externamente – e provavelmente psicologicamente – são idênticas. Mas, concretamente, nada se sabe de Capitu. Porque ela não é palpável, não é *real*. E numa personagem tão crucial para o desvendar da mediocridade humana, como era Capitolina em *Dom Casmurro*, é abominável que haja tanta obscuridade.

Vou sempre ter Machado como um símbolo do mistério feminino. O mistério que cala, mas não consente; que tudo deixa nas entrelinhas, num emaranhado dúplice que nunca chega a ser. Machado, como parte de sua obra, é impenetrável. E onde alguns nessa ausência veem riqueza, eu vejo esterilidade.

Não me comovem esses questionamentos, essas dúvidas, essas picuinhas. Demovem-me. Prefiro a pancada, o arroubo, o viril, aquilo que toma de assalto os sentidos do homem. Que se danem a sexualidade de Bento, a fidelidade de Capitolina, o aborto de Virgília, o autor da carta a Lobo Neves. Que vá ao Diabo o sorriso indecifrável de Mona Lisa. Relego ao bruxo Paulo Coelho as gracinhas, a fraseologia floreada, o mistério, o enigma. Quero emoção, autenticidade, clareza e humanidade.